



# *Traços singulares de uma visão*

Guilherme Ignácio da Silva / Universidade Federal de São Paulo

## I

ANTES MESMO de poder acompanhar as aulas de Philippe Willemart na graduação em Letras, chamou-me a atenção sua tradução durante uma conferência de Claude Duchet sobre os *Petits Poèmes en Prose*, de Baudelaire, e o recém publicado trabalho de historiografia de Walter Benjamin sobre as Passagens parisienses.

Se tomarmos a universidade pública como sinônimo de abertura de oportunidades, uma homenagem ao trabalho de Philippe Willemart deveria conter, antes de mais nada, a menção da importância, para o estudante brasileiro de Letras/Francês, de poder entrar em contato na graduação com um professor falante nativo da língua francesa com sólida formação humanística.

Durante suas aulas, além da oportunidade de ouvir o francês enquanto língua materna, havia também a possibilidade de o aluno poder acompanhar a cada semana uma análise rigorosa na qual sempre era



escolhido e aprofundado um trecho bastante específico de determinado livro da literatura francesa: para os que pretendiam dar aulas de língua e literatura, as aulas semanais preparadas por Philippe Willemart eram por si só um modelo de trabalho docente.

Nesse sentido, seria importante para a formação de todo estudante de Letras/Francês no Brasil poder ter acesso ao excelente curso sobre o romance francês do século XIX e às análises impecáveis de romances de Balzac, Stendhal e Flaubert, trabalho, até onde sei, ainda inédito sob forma de livro.

Dessa introdução em tom levemente proustiano passo a tratar de certos aspectos da produção crítica de Philippe Willemart, com destaque para alguns elementos de sua leitura da obra de Marcel Proust. Foi feita a opção pelo cruzamento de citações do escritor com as do crítico de modo a pensar em que medida uma explica e enriquece a outra.

## II

Para falar de parte da atividade crítica de Philippe Willemart, valeria a pena retomar algumas coordenadas de um autor que se tornou objeto central de seus estudos nos últimos dez anos.

Em um prefácio em tantos sentidos decisivo a um de seus trabalhos de tradução, Marcel Proust menciona “o que deveria ser a primeira parte da tarefa de todo crítico”, tarefa que, num primeiro momento, consistiria em discernir “traços característicos”, em “ajudar o leitor a se impressionar com esses traços singulares, colocar sob seus olhos traços similares que lhe permi-

tam tomá-los por traços essenciais do gênio de um escritor (...)”<sup>1</sup>.

É nesse sentido que podem ser entendidos alguns dos esforços iniciais de leitura de Philippe Willemart em seu primeiro livro de análise da obra de Proust. No primeiro capítulo de *Proust Poète et Psychanalyste*, Willemart destaca o que denomina de “matriz poética” da *Recherche*: a “liberdade do narrador no leito, podendo atravessar à vontade o limiar entre diferentes mundos, passando facilmente do escritor para o *scriptor*, do escritor-sonhador para o narrador, da narrativa fantástica para a narrativa da *Recherche*, da noite para o dia, do sono ao despertar, da lembrança voluntária à involuntária, da memória linear para a memória fragmentária e desta para a memória concêntrica (...)”<sup>2</sup>.

Esse trabalho de crítica ligado à formulação de “traços singulares” de uma “matriz poética” significava também a retomada de ideias desenvolvidas anteriormente fora do contexto proustiano. É o caso da análise das características do processo de criação de Gustave Flaubert:

Entrando na ficção, o escritor elabora um mundo *sui generis* em que as categorias de realidade e não realidade não funcionam: sonho,

1. “aider le lecteur à être impressionné par ces traits singuliers, placer sous ses yeux des traits similaires qui lui permettent de les tenir pour les traits essentiels du génie d’un écrivain, devrait être la première partie de la tâche de tout critique”. PROUST, Marcel. “Préface du Traducteur”. In: RUSKIN, John. *La Bible d’Amiens*. (Prefácio, tradução e notas de Marcel Proust). Paris: Bartillat, 2007, p. 12.
2. “liberté du narrateur au lit, pouvant franchir à son gré le seuil entre différents mondes, passant facilement de l’écrivain au scripteur, de l’écrivain-rêveur au narrateur du récit, du récit fantastique au récit de la *Recherche*, de la nuit au jour, du sommeil au réveil, du souvenir volontaire à l’involontaire, de la mémoire linéaire à la mémoire fragmentaire et de celle-ci à la mémoire concentrique (...)”. WILLEMART, Philippe. *Proust Poète et Psychanalyste*. Paris: Harmattan, 1999, p. 19.

devaneio ou fatos, tolices, saber ou religião, Yonville, Rouen ou Paris, mundo dos camponeses, dos burgueses ou dos aristocratas, essas distinções fazem parte da mesma ilusão coletiva fora da ficção de que o autor como tal não partilha.<sup>3</sup>

A análise da criação literária em Flaubert está na base da formulação de outro “traço singular” da escrita proustiana. Ainda em seu primeiro livro sobre a obra de Proust, em um capítulo que trata da “*madeleine*”, ao trabalhar a imagem do “desaparecimento do biscoito no chá”, o crítico a associa ao comportamento do narrador proustiano, que transita por vários meios sem se identificar com nenhum deles.

Na leitura de Philippe Willemart, o mundo proustiano é justamente aquele em que “a origem das coisas não será mais determinante. O fato de ser judeu ou católico, homo ou heterossexual, aristocrata ou burguês etc. não mais determinará os comportamentos (...)”<sup>4</sup>.

A formulação desse traço proustiano está assim ligada à relativização de “ilusões coletivas” já detectada no processo criativo de Gustave Flaubert.

### III

Está claro que, ao destacar como se dá a formulação desses “traços singulares” do universo de Proust,

3. WILLEMART, Philippe. “O bovarismo e o realismo em xeque?”. In: *Revista USP*, n° 23. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 137.
4. “l’origine des choses ne sera plus determinante. Être juif ou catholique, homo ou hétérosexuel, aristocrate ou bourgeois etc. ne déterminera plus les comportements (...)”. *Ibidem*, p. 44.

levamos em consideração apenas um aspecto daquilo que na obra do crítico é expansão de uma reflexão pessoal sobre a criação artística, a teoria psicanalítica e sua relação com outras ciências. Todo trabalho que procura compreender a gênese de *Em Busca do Tempo Perdido* passa necessariamente pela discussão de dois projetos anteriores ao romance, a narrativa abandonada *Jean Santeuil* e o projeto de crítica *Contra Sainte-Beuve*. Da mesma forma, creio que pensar a dinâmica do pensamento crítico de Philippe Willemart seria levar necessariamente em conta *Universo da Criação Literária*, livro seminal que fornece elementos para todos os trabalhos subsequentes do crítico.

Optamos, entretanto, por tomar o “côté” proustiano dessa produção crítica e trabalhar alguns paralelos entre o crítico e o escritor que ele analisa. Retomando o prefácio de Proust à sua tradução de Ruskin, que veremos, mais adiante, o que o jovem tradutor chama de “segunda tarefa de todo crítico” agora aplicada à leitura que Philippe Willemart faz de um caderno manuscrito de Proust.

No final dos anos 90, inauguravam-se as pesquisas com cadernos de Proust no Brasil, mais especificamente, o caderno de número 28, que chegara até nós em uma cópia microfilmada. Desde os primeiros contatos com esse material, já se registrava certa perplexidade de leitura nos relatórios de pesquisa:

Sem sombra de dúvida, o que mais surpreende (e amedronta...) nesse *cahier* é sua extraordinária riqueza temática – às vezes, numa sequência de dois ou três fólhos, saltamos de *À Sombra das Raparigas em Flor* para *No Caminho de Swann*, depois entramos pelo *Caminho*

de *Guermantes* e terminamos o passeio lendo trechos com reflexões estéticas numa antecipação do que viria a ser mais tarde *O Tempo Redescoberto* (...).<sup>5</sup>

Naquele momento, Philippe Willemart também abordava o mesmo caderno e se deparava com essa riqueza temática numa sequência de fólios em que conviviam lado a lado a descrição de alguns quadros de Elstir, uma advertência estranha (“Não se esquecer de Brummel em Caen”) e a descrição dos torneios nos raminhos de chá que o herói despejava dentro de uma xícara com água quente, quando sua tia mandava prepará-lo.

Ao tomar contato com essa sequência temática aparentemente disparatada, o crítico passa a buscar “uma lógica subjacente à escritura que (explicasse) as relações implícitas entre fólios que estão um de frente para o outro e que, à primeira vista, não têm relação nenhuma entre si”<sup>6</sup>. As conclusões de Philippe Willemart estão, a meu ver, ligadas ao que Proust denomina a “segunda parte do ofício de todo crítico”.

A pintura misteriosa de Elstir, o anonimato do dândi Brummel em Caen e os desenhos dos raminhos de chá são lidos por Philippe Willemart como

três partes (que) aludem ao mesmo assunto sob aparências bem diversas. A primeira parte evoca a vida misteriosa da natureza; a segunda, a ignorância dos habitantes de Caen quanto ao passado do

5. SILVA, Guilherme Ignácio da. “*Em Busca do Tempo Perdido*: percepção da forma, interpretação da vida”. In: *Manuscrita*, n.º 8. São Paulo, Annablume, 1999, p. 155.
6. WILLEMART, Philippe. “Da Forma aos Processos de Criação”. In: *Manuscrita*, n.º 8. Op. cit., p. 15.

dândi, assim como a própria família do herói quanto às relações nobres de Swann; e a terceira, enfim, as folhas secas do chá que se assemelham a um quadro de um mestre<sup>7</sup>.

Philippe Willemart sustenta “então, que todos os *cabiers*, ou pelo menos esse *cabier* que conhe(ce) melhor, tem uma coerência, retomando a expressão de Proust, “une alliance de mots”, que vai muito além da razão cartesiana ou da inteligência e situa-se em outro nível”<sup>8</sup>.

A “aliança de palavras”, percebida no caderno de esboços, leva à seguinte conclusão: “Proust não escrevia de qualquer jeito, ou melhor, o *scriptor* proustiano deitava as palavras no papel com um desígnio preciso, embora com frequência não sabido, mas não ao acaso, como uma primeira leitura poderia fazer pensar”<sup>9</sup>.

Ao lidar com a “lógica subjacente à escritura” Philippe Willemart entrava em contato com o “culto apaixonado da semelhança”<sup>10</sup> em Proust, com aquilo que, para Proust, era tanto a essência da criação artística quanto o horizonte da atividade crítica: a formulação de uma “visão durável e clara”. É para entrar em contato com ela e tentar reproduzi-la que o artista sacrifica “todos os seus prazeres, todos os seus deveres e até sua própria vida”<sup>11</sup>.

7. Ibidem, p. 17.

8. Ibidem, p. 31.

9. Ibidem, p. 31.

10. BENJAMIN, Walter. “A imagem de Proust”. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 39.

11. “tous ses plaisirs, tous ses devoirs et jusqu’à sa propre vie”. PROUST, Marcel. “Préface du Traducteur”. In: RUSKIN, John. *La Bible d’Amiens*. Op. cit., p. 13.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BENJAMIN, Walter. "A imagem de Proust". In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PROUST, Marcel. "Préface du Traducteur". In: RUSKIN, John. *La Bible d'Amiens* (Prefácio, tradução e notas de Marcel Proust). Paris: Bartillat, 2007.
- SILVA, Guilherme Ignácio da. "Em Busca do Tempo Perdido: percepção da forma, interpretação da vida". In: *Manuscrita*, nº 8. São Paulo: Anablume, 1999, p. 153-180.
- WILLEMART, Philippe. "O bovarismo e o realismo em xequê?". In: *Revista USP*, nº 23. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 136-139.
- \_\_\_\_\_. *Proust Poète et Psychanalyste*. Paris: Harmattan, 1999.
- \_\_\_\_\_. "Da Forma aos Processos de Criação". In: *Manuscrita*, nº 8. São Paulo: Anablume, 1999, p. 11-36.